

**O CONTINUUM DA VIOLÊNCIA NO SUL E SUDESTE DO PARÁ:
ENTREVISTA COM O PROFESSOR, PESQUISADOR E ESCRITOR ABÍLIO
PACHECO, AUTOR DO ROMANCE *EM DESPROPÓSITO: MIXÓRDIA***

**THE VIOLENCE *CONTINUUM* IN THE SOUTH AND SOUTHEAST OF PARÁ:
INTERVIEW WITH PROFESSOR, RESEARCHER AND WRITER ABÍLIO
PACHECO, AUTHOR OF THE ROMANCE *EM DESPROPÓSITO: MIXÓRDIA***

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p316-338

**Jacielle da Silva Santos¹
César Alessandro Sagrillo Figueiredo²
Abílio Pacheco de Souza³**

O trabalho a seguir apresenta uma entrevista com o escritor Abílio Pacheco de Souza sobre seu romance *Em despropósito: mixórdia* (2013), que remete diretamente a acontecimentos relacionados aos conflitos violentos na região Sul e Sudeste do Pará, como o Massacre de Eldorado dos Carajás (1996) e a Guerrilha do Araguaia (1972-1975). Atualmente, Pacheco é docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e doutor em Teoria e História Literária, na área de Teoria e Crítica Literária, pela UNICAMP, sob orientação do Professor Dr. Márcio Seligmann-Silva. A entrevista com o autor se deu pelo

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura – PPGLIT na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Professora da Educação Básica vinculada à SEDUC-TO. Membro do Grupo dos Sentidos do Tocantins – GESTO e do Grupo de Estudo em Literatura, Política e Ensino (GELIPE). E-mail: jacyla03ale@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1131-4764>

² Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do Grupo de Estudo em Literatura, Política e Ensino (GELIPE). Desenvolve pesquisas sobre Guerrilha do Araguaia, Justiça de Transição, Literatura de Testemunho. Docente da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) no curso de Licenciatura em Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura – PPGLIT, campus de Tocantinópolis. E-mail: cesarpolitika@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6011-9527>

³ Doutor em Teoria e História Literária, na área de Teoria e Crítica Literária, pela UNICAMP. Líder do Laboratório de Estudos de Resistência e Testemunho (LAERTE). Integra os Grupos de Pesquisa: NARRARES, ITENMPO, Estéticas Performances e Híbridos e Educação e Direitos Humanos. Docente de Literatura no Instituto de Linguística, Letras e Artes e do PPGLIT da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Artigos, textos publicados em anais, capítulos de livros e outros trabalhos acadêmicos podem ser lidos em: www.abiliopacheco.com.br - abiliopacheco@unifesspa.edu.br; ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6809-4865>

Google Meeting, em novembro de 2020, durante o período da quarentena por ocasião da pandemia da Covid-19 com o objetivo de contribuir com nossas pesquisas relacionadas à análise de produções literárias contemporâneas do Norte relativas à Guerrilha do Araguaia.

O romance, à medida que se desenvolve, insere o leitor em um espaço de diversificadas formas de violência que modificam a vida das personagens, demonstrando como os abusos do período ditatorial (1964-1985) perduram na região. Na entrevista, Pacheco apresenta suas motivações e o processo de criação do romance, a necessidade de produzir uma ficção que registre a memória social e vivências dos moradores que, direta ou indiretamente, são atingidos pelas ações violentas do Estado. Para isso, traz personagens comuns que carregam traumas e buscam se esquivar de uma efetiva tomada de posição diante das barbáries contra camponeses e trabalhadores. Por estar inserido na vertente da literatura de testemunho brasileira, transitando entre ficção, memória e fatos históricos, o romance nos auxilia a compreender, na literatura produzida no Norte, quais perspectivas os sujeitos assumem em relação à experiência do vivido.

César Figueiredo: Professor Abílio, gostaria que você começasse comentando sobre sua origem, formação acadêmica e sua relação com a literatura e de que modo tal vivência influenciou no aparecimento do poeta e do escritor.

Abílio Pacheco: Minha identidade pessoal é um pouco fluida. Quando alguém me pergunta se eu sou de Marabá-PA, eu digo que sou o típico marabaense: nasci no Nordeste e vim para a região. Isso não é exatamente uma verdade em relação ao típico morador daqui, mas identifica uma boa parte da população que tem minha faixa etária. Acredito que o mesmo deve valer para muitas cidades do Sul e do Sudeste do Pará, assim como do Tocantins. Nasci em Juazeiro, na Bahia, e costumo brincar afirmando que a primeira vez que lá estive eu tinha 39 anos, pois a primeira vez estava na nave-mãe. De Juazeiro, fiquei pouco tempo em Petrolina, não sei com que idade fui para o Maranhão, mas vim para Marabá com 7 anos. Minha história com esta cidade se dá a partir desse tempo, embora tenha vindo passar férias com minha mãe nos anos anteriores. Falarei disso mais adiante. Fui criado por minha avó, em uma cidade pequena chamada Coroatá (MA), pacata, até hoje muito quieta, semelhante à das histórias de Gabriel Garcia Márquez, Macondo, microcosmo do romance *Cem anos de solidão* (1967), mundo relativamente mítico e silencioso. E a história do sujeito que habita esse tipo de espaço geográfico passa, necessariamente, por transformações. Até a escrita do livro eu era muito

diferente do que sou hoje. Descobri outras coisas minhas depois. Não por causa do livro, mas depois que o livro foi publicado, em 2013.

No que se refere a trabalho, antes de ingressar na vida acadêmica, trabalhei em algumas funções, tais como: pintura de gesso, vendi sandálias em feiras de fim de semana, assim como velas em porta de cemitério. O primeiro emprego formal foi como auxiliar de serviços gerais, embora tivesse formação de eletricista. No lugar onde morava, se tivesse qualquer coisa para fazer me chamavam, e foi exatamente por isso que passei a trabalhar no hospital Celina Gonçalves, que é citado no romance, embora não apareça com esse nome. Hoje ele é o hospital Regional de Marabá. Fiz um concurso para a prefeitura de Marabá e fui trabalhar como auxiliar de biblioteca. No mesmo ano, consegui uma vaga para dar aula na escola à noite e passei na graduação em Letras. Minha trajetória na literatura, que começa em 1997, é muito marcada por essa experiência anterior que me levou a trabalhar com funções diversas.

Minha mãe é costureira, o pai biológico era motorista de caminhão e descobri que ele também havia sido feirante. Meu padrasto é auxiliar de escritório. É muito forte hoje essa questão das clivagens de gênero, raça, assim como outras possíveis. Geralmente, as pessoas olham para mim e pensam imediatamente nos privilégios de classe, de cor etc., mas é relevante informar que não foi fácil para mim também. Posso não ter tido as mesmas dificuldades que outras pessoas tiveram por causa da cor, do gênero, da sexualidade, mas também tive meus perrengues para chegar até aqui.

Meu primeiro contato com a literatura foi quando comecei a enviar cartas para escritores. Naquele tempo, a carta social custava um centavo, era escrita à mão, e podíamos enviar no máximo cinco por dia. Eu era aluno de elétrica no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Primeiro, consegui cinco endereços na casa da cultura e me enviavam livros, jornais. Só sei que, nessa brincadeira, cheguei a ter 300 endereços numa caixinha de sapato, em ordem alfabética. Mantive contato não com os grandes, mas com muitos escritores do circuito alternativo e alguns deles já são falecidos. Alguns conheci pessoalmente em viagens para congressos de literatura, pois eram jovens como eu e tornaram-se professores. Fiz a graduação em Letras em Marabá-PA, especialização em Linguística Textual, mestrado em Belém-PA, doutorado na Unicamp sob a orientação do professor Márcio Seligmann-Silva⁴. Passei uma

⁴ Márcio Seligmann-Silva é professor titular de Teoria Literária na UNICAMP e pesquisador do CNPq. Atua principalmente nos seguintes temas: romantismo alemão, teoria e história da tradução, teoria do testemunho, memória da violência das ditaduras na América Latina, violências socioambientais e seus testemunhos, literatura

temporada na Alemanha, fazendo o doutorado sanduíche na Universidade Livre de Berlim. Sobre minha produção literária, tenho um livro de contos, um romance, alguns poemas e também trabalho com editora, cheguei a organizar livros individuais de mais de duas centenas de autores numa editora junto com minha esposa. Esse é meu perfil. Além disso, como costuma dizer uma amiga, ainda consigo ser pai, esposo, e quando aparecem os problemas domésticos, lá vou eu com chave de fenda e alicate para consertar. É a vida!

Jacielle Santos: O senhor poderia nos falar sobre o seu processo de criação? Como pensou essas personagens, e como surgiu o Abílio marabaense que reverbera a partir dos seus textos? Por exemplo, quando o narrador do romance (Mário/Bartmario) vai comentando, fazendo a descrição, imaginei-me no Hospital Celina Gonçalves, que é citado na narrativa. Conheci esse hospital e é tão interessante essa viagem.

Também já fiz várias vezes o percurso de ônibus de Marabá a Belém. Conheço a BR 222, e por isso, ao ler o romance, era como se eu estivesse viajando ao lado do Mário. Comente, por favor, como foi pensada a escrita desse romance, essas personagens e essas questões cotidianas e históricas tão fortes que vão aparecendo na obra.

Abílio Pacheco: Primeiro, a vontade de escrever um romance é antiga. Desde quando eu comecei a escrever eu tenho vontade de desenvolver uma narrativa longa. Isso começou a ganhar forma depois que eu conquistei o 1º lugar de um concurso nacional de literatura, com 17 anos. Olhando para fotos minhas nesse período, costumo pensar: “cara, você não chegou onde você queria, mas está bom aqui...”. Cheguei a ter vários romances começados, joguei vários fora. Acho que cheguei a começar sete vezes um romance. De todos os que comecei, até 2013, eu só tenho um guardado. Era um romance muito visceral, me consumia muito, tanto no que se refere ao que estava acontecendo com as personagens, quanto em relação à quantidade de coisas que eu queria colocar, de força, dentro da narrativa.

Foi no período de escritura desse romance visceral que eu também escrevi um livro de contos [*Com bolhas ao ar*] ou os contos que estão aqui dentro, levinhos, suaves, como uma forma de respirar um pouco diante daquele peso todo. Quando passei na seleção do doutorado, coloquei na minha cabeça o seguinte: se eu não escrever o romance antes de começar a elaboração da

e outras artes, teoria das mídias, teoria estética do século XVIII ao XX e a obra de Walter Benjamin. (Fonte: Currículo Lattes)

tese, não mais terei condições de fazê-lo. A tese realmente consome muito a gente. Eu já estava em Campinas- SP, fazendo as disciplinas, e consegui concluir muita coisa no primeiro semestre de 2013: terminar o romance, terminar o livro de poemas, organizar cinco antologias, cursei três disciplinas, escrevi dois artigos que foram publicados em revista A2. Inclusive, uma disciplina que fiz em Campinas foi sobre *Ulisses (1922)*, de James Joyce. E empolgado com minha capacidade de produção naquele momento, retomei um conto que já havia começado sobre a questão do perfume. O gênero conto, para mim, é um problema, porque consigo fazer aqueles contos pequenos, de página e meia, mas aqueles medianos, do tamanho de *O Espelho (1882)*, de Machado de Assis, possuem um grau de dificuldade maior de elaboração. Ou nascem de uma explosão imediata ou vão ficando tão longos a ponto de eu me perder. Sendo assim, eu retomei esse conto e planejei terminá-lo antes do aniversário de 100 anos de Marabá e colocar as histórias perpassando por Marabá e também por Belém. A estrada ou as estradas foram consequência, mas eu queria esse sujeito em trânsito por várias cidades, para ressaltar a questão do debate da identidade. Afinal de contas, o que é esse ser paraense? Esse ser do Carajás? A discussão sobre a divisão do Estado tornou-se muito forte. Tentei, então, mobilizar uma série de coisas para essa escrita, tão aparentemente bobas. Por exemplo, não queria diálogo de personagens mediados por travessão, também não queria personagens correspondendo-se por cartas, pois muitos romances que eu tinha lido recentemente usavam esse recurso. Também tentei mobilizar algumas coisas complexas, por exemplo, a questão da escrita do romance. Outra coisa que eu queria mobilizar referia-se à reflexão sobre identidade regional e inserir a temática da violência em alguns aspectos: a violência agrária, a violência urbana na periferia ... Estou pensando em fazer a segunda edição dele porque a primeira acabou e também porque é preciso corrigir algumas coisas. Inclusive, Joanna Moszczyńska, uma colega da Universidade Livre de Berlin, sugeriu o que colocar na contracapa: o mapa que se estende de Conceição do Araguaia-PA até Belém-PA. Quando eu publiquei, divulguei como o primeiro romance em que a história se passa em Marabá, mas alguém me corrigiu nos comentários no site do Hiroshi Bogéa⁵. O primeiro livro feito em Marabá foi escrito por Libero Luxardo⁶, que foi adaptado para o cinema com um filme chamado “*Marabá, um diamante e cinco balas*.” Mas é possível

⁵ Jornalista e publicitário paraense, ex-repórter de jornais, rádio e TV. Colunista de publicações em Imperatriz (MA), Marabá (PA) e Belém (PA).

⁶ Libero Luxardo (1908-1980) foi jornalista, político, escritor e cineasta nascido em Sorocaba - SP, mas que fez sucesso no cinema paraense e foi um dos pioneiros do cinema na Amazônia. Integrou a Academia Paraense de Letras (APL), tendo ocupado a cadeira de número 26, em 1961.

que tanto o filme como o livro se perderam. De repente, fazendo uma campanha, encontramos esse material.

César Figueiredo: O senhor considera o seu livro como Literatura de Testemunho ou Romance Histórico? Ou compartilha da visão do professor Márcio Seligmann-Silva, que ancora seu livro a essa situação em trânsito, entre o histórico e o testemunho?

Abílio Pacheco: Sobre a questão do gênero, eu mesmo não saberia classificar este romance. Acredito que poderia mobilizar as reflexões sobre determinado gênero e aproximá-lo. Posso aproximá-lo do romance histórico, do romance testemunhal, da auto-ficção, até mesmo daquilo que a professora Sandra Pesavento⁷ chama de autobiografia de personagem ficcional. Existem muitas possibilidades de classificação para ele. Acredito que vai ser o papel da Jacielle, por exemplo, pegar esse ou aquele gênero e ponderar: “olha, como isso se encaixa aqui nesse tipo de proposta, mas que não é a única”. E é o que a gente faz do doutorado, ou seja, nossa proposta de leitura é uma dentre muitas. E eu sou da época em que vi muita confusão de professores que se viam como ‘donos’ de autores. Eu fiz um doutorado sobre Benedito Monteiro⁸ e quando sei que alguém vai fazer um doutorado sobre ele eu fico feliz, quero mais é que faça mesmo. É uma outra geração de pesquisa. É possível mobilizar essas coisas dentro do texto. Até, em um dos comentários, vou falar sobre fragmentação e montagem, que tem no texto e dialoga um pouco com a literatura da década de 1970. E que também explora a relação literatura e política. Outro tema que queria explorar trata da violência agrária na nossa região e a violência urbana na periferia. Marabá sempre foi apresentada como muito assustadora, mas quando viajamos e assistimos a programação local, vemos que, em qualquer lugar, não há muita diferença. Está relacionado àquela pessoa que mora naquela cidade e que, muitas vezes, fica retroalimentando a violência. E, por fim, a violência decorrente da ditadura militar em falas de pessoas no cotidiano não só em Belém, mas também em Marabá, porque é o que eu vi o tempo todo, sendo pesquisador de ditadura militar desde 2002.

Pretendia que o romance, como introduzi acima, tivesse montagem e fragmentação, mas sem que esses elementos fossem demarcados visualmente. Queria que, quando o leitor folheasse o

⁷ Sandra Jatahy Pesavento (1946-2009) foi uma professora, historiadora, escritora e intelectual brasileira.

⁸ Benedito Monteiro (1914-2017) foi um político, advogado e escritor de Alenquer-PA. Foi preso e incomunicável por vários meses, sendo torturado e marginalizado da sociedade. Cassado em 1964 no período militar, teve seus direitos políticos suspensos por mais de 10 anos.

livro, não tivesse aquelas marcações como, por exemplo, em Loyola Brandão, que tem até recorte de jornal aparecendo. Eu queria esse esquema de montagem para que o leitor pensasse como cosmológico, como se fosse um romance do século XIX, mas que na hora que fosse ler, ficasse perdido no meio de tantas vozes, recortes, letras de música, citação, de modo que o repertório cultural pessoal desse leitor precisasse, de alguma maneira, coincidir com repertório cultural do Mário [personagem do romance]. E essas referências também precisavam ser perturbadoras, que tanto William Shakespeare (1564-1616) quanto Gaby Amarantos⁹ têm provérbios populares parafraseados e têm metáforas relacionadas à construção civil, que eu ouvi de pessoas, pedreiros trabalhando em Marabá. Inclusive, uma coisa que ouvi de crítica negativa e hoje mesmo um rapaz de vinte e poucos anos me escreveu pelo *Instagram*, é que o romance tem uma linguagem difícil. E a questão é: como uma pessoa, sendo escolarizada, tem esse tipo de palavreado? Na verdade, elas funcionam mais como arcaísmos, porque todas aquelas palavras que estão ali eu ouvi de pedreiros trabalhando em minha casa, de minha mãe, de meu irmão. Não são palavras (não gosto do termo difícil porque lembra aquelas que estão na ponta da língua e não quer sair), pouco usuais, são palavras que são usuais para essa comunidade.

O narrador precisava ser calado e indiferente, às vezes sem noção do que estava acontecendo ao redor. Ele precisava estar num trânsito social interrompido, mesmo sem ambição. Ou seja, era alguém que estava passando por um processo de ascensão. O mote é mais ou menos esse: Um menino de fazenda que vai para Marabá e vira servente de pedreiro, contador, representante comercial, e que no final do romance vira taxista. Trata-se de um trânsito social que vai sendo mostrado, no momento da época do massacre, mesmo que a personagem não demonstrasse ambição de subir. Também precisava ser alguém que sofresse um abalo pessoal na sua constituição familiar em construção, sendo ele mesmo proveniente de um abalo. Os conflitos familiares, tal qual acontece em vários romances, são importantes como uma metáfora ou uma alegoria ou alguma coisa que cabe aos críticos observarem.

César Figueiredo: Professor Abílio, noto que a Jacielle está muito empolgada com seu livro, vendo muito a cor local da região de onde ela é, de Marabá. Lembro-me de que, quando era estudante, lia muito Moacir Scliar (1937-2011), sou de Porto Alegre (RS). No dia que o encontrei na rua, conversei com ele como se fôssemos íntimos, dada a proximidade com a sua

⁹ Gabriela Amaral dos Santos (1971) é uma cantora, compositora, apresentadora e atriz brasileira.

literatura, porque ele descrevia as ruas de Porto Alegre. Nos sentíamos acolhidos pela literatura que tinha tudo a ver com nossa identidade. Acredito que é isso que você está sentido com Marabá e o professor Abílio, não é, Jacielle?

Jacielle Santos: Revisitando...

César Figueiredo: Sim, Jacielle, trata-se de uma memória afetiva do local. Nesse diálogo, falemos um pouco de construção da literatura. Professor Abílio, nesse livro, você traz o contexto de evento do massacre de Eldorado dos Carajás, assim como outros crimes – grilagens de terra, estupros, ameaças de morte e eventos, como a Guerrilha do Araguaia. Qual a sua relação com esses acontecimentos? Vivenciou direta ou indiretamente algum deles? Por que escolher esses contextos históricos que permeiam as cidades do Sul e Sudeste do Pará? Qual seu grau de afinidade com esses eventos? O senhor teve participação, baseou-se nos relatos de alguém, vivenciou e/ou testemunhou algo? Sabemos que o massacre de Eldorado dos Carajás é mais recente, a Guerrilha, não, qual sua proximidade com esses fatos? Tomando de empréstimo a expressão do professor Seligmann-Silva: como mobilizou isso para sua escrita?

Abílio Pacheco: Eu não vivenciei diretamente nenhum deles. Moro em Marabá desde 1984, mas as minhas memórias mais antigas de Marabá estão todas relacionadas a episódios de violência. Em 1982, por exemplo, morava numa cidade menor, com minha avó. Nessa época, televisão era um feitiço, um encanto. E naquele ano aconteceu em Marabá a morte de uma pessoa durante a entrevista ao vivo e eu estava assistindo. Lembro disso vagamente, porque eu tinha entre cinco e seis anos. Todas as emissoras de Marabá foram fechadas por causa disso. Eu lembro que quando eu vim para Marabá, os bairros estavam surgindo, a única casa da quadra era a de minha mãe. Ela dizia para nós que tinha que fazer barulho se escutasse alguma coisa à noite porque os problemas de Marabá em relação à violência sempre foram de arrombamento. E à noite ela abria a porta do quintal para dar tiro, do nada, para bandido que tivesse ouvindo. Ouvia barulho de pessoas passando do lado de fora e, às vezes, passavam a mão naquelas persianas de madeira, não sei se mão ou se ferro, o que fazia muito barulho e nos levava a sentir muito medo. Antes, morava em uma cidade muito pacata. Meu avô era ex-delegado e os ex-presos tomavam café com a gente sentados na porta da rua. Era uma coisa totalmente diferente. Depois que vim morar em Marabá, um vizinho era assaltante de casa e outro taxista e eu brincava com o filho do taxista com aquelas balanças de precisão, aqueles pesinhos. Mataram esse taxista e minha mãe me incentivava a pegar brinquedos e dar para essas crianças, os filhos

dele. Foi a primeira vez que eu vi alguém morto no caixão, defunto com um tiro na testa. Na época, ficamos sabendo que os taxistas se reuniram para matar quem assassinou o colega deles, não sei se é totalmente verdade. E as recomendações: “Não fala com ninguém, se perguntarem por vizinho, você não conhece, não sabe quem é”. São coisas que eu quero aproveitar em escritos futuros.

Outros eventos dos quais me recordo eram as brigas na Avenida Antônio Maia, com a polícia civil de um lado e os militares do outro, atirando, e minha mãe tentando entrar em uma loja junto comigo e com meu irmão. Era terrível! Esses temas de estética e violência sempre me atraíram como pesquisador, e a escolha por falar desses eventos não foi somente aleatória, mas também relativamente programática. Mas eu não vivenciei/presenciei nenhum desses eventos. Inclusive, eu estava em Marabá na época que mataram os sem-terra. Morei em Marabá de 1984 a 2002 e agora estou aqui há três anos de novo. E essa história é passada de leve, pelas bordas porque o narrador também não sofreu isso diretamente. Ao contrário de mim, o Bartimario teve danos colaterais, digamos assim. É um termo bem feio para dizer em relação a isso. O fundo histórico é o Massacre de Eldorado, mas também tematiza a continuidade da violência na região. Isso se tornou importante para mim, porque eu queria que não fosse apenas um tópico de evento de violência, mas tivesse algum tipo de ponto de contato - não muito direto - com a ditadura militar. Por isso, por onde ele vai, encontra pessoas elogiando a ditadura, fazendo uma referência positiva, seja no centro em Belém, seja o taxista em algum lugar, seja alguém que entra em seu quarto de hospital quando está doente. Tinha essa vontade de criar essa personagem apática, que pouco ou nada tinha o que falar de eventos, como Canuto¹⁰, Sebastião da Teresona¹¹ e Corumbiara¹². Uma personagem que encadeia, em uma única frase, vários

¹⁰ Refere-se ao assassinato de João Canuto de Oliveira (1936-1985), presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Maria, cidade do sul do Pará, em 18 de dezembro de 1985. João Canuto era militante ativo do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), defensor da reforma agrária, da justiça social no campo e na cidade. Disponível em: <https://nidh.com.br/joaocanuto/>. Acesso em 08 de nov. 2022.

¹¹ Sebastião Pereira Dias (1944-1995) ficou conhecido como Sebastião da Terezona. Pistoleiro responsável por alguns dos mais cruéis assassinatos em Marabá nas décadas de 1970 e 1980, como por exemplo, o Massacre do Castanhal Ubá (1985). Antes de ser punido pelo massacre, foi assassinado na penitenciária Fernando Guilhon (Americano/PA), em 14 de junho de 1995 quando pagava pena por outros assassinatos. Disponível em: <https://correiodecarajas.com.br/saiba-quem-foi-sebastiao-da-terezona-maior-pistoleiro-de-maraba/>. Acesso em 08 de nov. 2022.

¹² O massacre aconteceu em 14 de agosto de 1995, na Fazenda Santa Elina, no município de Corumbiara (RO). Camponeses que estavam no acampamento da fazenda foram emboscados de madrugada com bombas de gás lacrimogêneo. Estima-se que 355 trabalhadores foram presos e torturados, mulheres foram usadas como escudo por policiais e jagunços, oito trabalhadores foram executados sumariamente e o acampamento foi incendiado com todos os pertences dos posseiros. Do lado dos sem-terra, aproximadamente 20 trabalhadores desaparecidos, 350 lavradores gravemente feridos, 200 presos e 8 mortos, incluindo uma criança. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/887/905>. Acesso em 08 de nov. 2022.

elementos de violência que, mesmo negando saber, ele conhece. E sabe que existe e reconhece como violência que faz parte desse contexto de violência no qual a gente vive.

Talvez não agora, mas os arrombamentos de casa em Marabá, pensando em 1996, sempre foram muito comuns. Eu tive noção do tipo de violência que não era comum aqui quando fui ver outros lugares, inclusive outros piores, muitos bem piores que aqui. Uma mulher em Belém levou o homem para o motel e cortou a cabeça e os dedos dele. Eu nunca vi isso por aqui. Inclusive, em relação a arrombamentos, um amigo teve a casa dele invadida e ele estava extremamente preocupado porque não levaram nada.

César Figueiredo: Retomando: falavas da violência de sua vivência em Marabá...

Abílio Pacheco: Para o livro, tive que inventar algumas delas, por exemplo, o justicamento do estupro em que se botou carne em cima do homem pelado rodeado de cachorros, aquilo foi invenção. Mas quem mora nessa região e escreve sobre a violência, embora escrever um romance não é o mesmo que escrever uma música de protesto, uma novela de televisão, um canal no *YouTube*, precisa ter certos cuidados, certos limites, porque se relata algo que aconteceu e coloca-se no livro, sabe-se lá quem você está acertando. Algo que conversei certa vez com o professor Janailson Macedo¹³ - até escrevi um artigo sobre três crônicas do livro dele - é a questão do silenciamento. A gente narra se referindo ao que aconteceu, mas com uma trava, até onde a gente pode ir para não se expor fisicamente. Mas tem uma coisa que inseri no trecho que é verdade, aquela casa roubada: o cidadão viajou com a família e quando voltou só tinha o baldrame, destelharam a casa, entraram e levaram tudo em dois caminhões. Quando ele chegou parecia uma quadra de futebol de salão.

Dei aula em Xinguara-PA entre 2001 e 2002 e ouvi muitos relatos de violência naquele lugar, diferentes das que ouvi aqui, uma cidade menor, com contato de vida rural mais intensa. Essa realidade regional queria trazer para o romance e o papel do narrador é importante nesse sentido.

César Figueiredo: Acho bastante pertinente, cada local ter sua marca de regionalidade, o Pará tem essa marca. O Rio de Janeiro, com as milícias, por exemplo, daqui a alguns anos é possível que se retrate muito bem o que está acontecendo agora a respeito das milícias. Para se entender

¹³ Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), sob orientação da Prof.^a Tit. Maria Helena Machado.

como está a violência no morro, aquela função toda que a gente vê na televisão, isso vai voltar em forma de literatura...

Abílio Pacheco: Tem muita coisa em relação a Marabá e à minha vivência que tenho vontade de comentar. Por exemplo, por ser um menino fraco, o que precisei fazer para escapar, estudando em periferia em situação de violência, foi dominar a matéria, ou seja, ter conhecimento sobre os conteúdos das disciplinas. Assim, usava muitos recursos de negociação, não entrava em gangue nenhuma, mas dava cola para o cara que era chefe de uma. Entregava bilhete de cola pelo buraco porque era estratégia e negociação de sobrevivência dentro do ambiente hostil. Onde hoje é o Departamento Municipal de Trânsito e Transporte Urbano de Marabá (DMTU) situava-se a nossa praça e vivia cheia de bandidos. Eu tinha, mais ou menos, passe livre. São coisas que pretendo trabalhar futuramente, se a atividade na universidade permitir.

Jacielle Santos: Na página 68, o leitor conhece a personagem Bartolomeu e o motivo dos temores de Mário. Em outras páginas, também aparecem essas denúncias sociais, da memória coletiva em relação às violências na região, no campo, a violência urbana, o que é veiculado no jornal, a violência em relação à ditadura militar. Como essa personagem Bartolomeu foi criada e qual a intenção da sua criação? Trata-se de algo apenas pautado na ficção ou realmente existiu, nem que seja no imaginário coletivo? Levando em conta esse trecho em que o Mário descreve o que ele fazia com as meninas da região, marcá-las a ferro como posse, convém destacar que isso realmente está em nossa memória, no imaginário coletivo, lembro-me dessas histórias. Ontem, conversando com uma colega sobre esse romance, ela comentou que, na região do Maranhão na qual o padre Josimo¹⁴ morava, presenciou quando criança (com cinco anos), que um camponês, vizinho de seu pai, como não quis entregar sua terra para o fazendeiro, foi violentado e teve a esposa marcada. Na ocasião, foi usado um cabo de vassoura e ele não resistiu. Usa-se o termo “atentado violento ao pudor” quando se trata de estupro de homem. E a mulher e os filhos foram acudidos pelo pai dessa minha colega.

¹⁴ Josimo Morais Tavares (1953-1986) foi um sacerdote católico brasileiro, coordenador da Comissão Pastoral da Terra (CPT Araguaia/Tocantins). Conhecido pelos agricultores como “padre negro de sandálias surradas”, Padre Josimo foi assassinado em Imperatriz (MA) a mando de fazendeiros da microrregião do Bico do Papagaio contrários à sua defesa pelos trabalhadores rurais. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/10/ha-34-anos-padre-josimo-era-assassinado-por-sua-luta-em-defesa-da-terra>. Acesso em 24 de out. 2022.

César Figueiredo: Aqui, em Imperatriz, até década de 1990, essa cultura de contratação de matador era muito forte devido ao garimpo. A pessoa ganhava dinheiro no garimpo e vinha “estourar” aqui em Imperatriz (MA), até então um polo regional, onde garimpeiros gastavam, principalmente com a prostituição. Tinha muita morte, muito matador até a década de 1990 e isso fazia parte do imaginário coletivo. Salvo engano, dizem que o Curió¹⁵, do Pará, tem casa aqui em Imperatriz.

Abílio Pacheco: A personagem é uma construção da ficção, mas existem alguns pontos a serem destacados. Primeiro, existe um termo em inglês, *easter egg*¹⁶, que dá pistas sobre meus objetivos. A escolha do nome eu coloquei pelo seguinte: tem um bandido muito famoso na região chamado Sebastião da Teresona. O primeiro projeto de emancipação dessa região, inclusive, foi abarcar as cidades das regiões Sul e Sudeste do Pará, parte do Maranhão, parte do Tocantins, na época Goiás. Então, sobre o objeto escondido: Bartolomeu é o nome da rua onde morava Sebastião da Teresona, esse bandido da região, mas eu não pesquisei sobre ele, aliás, fiz pouca pesquisa direcionada para a escrita do livro. A única coisa que pesquisei foram relatos dos sem-terra a respeito dos acontecimentos na região. Outra pesquisa foi em relação às datas porque, como escrever um romance seria muito difícil, tinha muita preocupação com a questão cronológica. Queria que o pai representasse uma força onipresente do mal da região, representasse essa onipresença da violência. Mas essa referência precisava ser indireta. A propósito, não queria que fosse referencial, que fosse o nome de uma pessoa que existe porque existe devido, como falei antes, aos riscos para o sujeito citar uma pessoa, como alguns políticos que são citados no texto – vou até dizer o nome, Almir Gabriel¹⁷ – eu o cito sem dizer o nome, na página 95, quarta linha e seguintes do romance.

¹⁵ Sebastião Curió Rodrigues de Moura (1938-2022), mais conhecido como Major Curió, e pelo nome de guerra Marco Antônio Luchinni, foi um militar, ex-pugilista, engenheiro, jornalista e político brasileiro. Atuou na Guerrilha do Araguaia, sendo figura de destaque no enfrentamento contra camponeses e guerrilheiros. Responsável por torturas, assassinatos e ocultação de cadáveres, faleceu em 2022 como coronel da reserva sem ser indiciado ou punido por seus crimes.

¹⁶ *Easter egg* é uma expressão utilizada por games ou empresas de tecnologia para fazer referência a algo escondido nas mídias em que são dadas pistas para que o usuário as encontre. Disponível em: <https://canaltech.com.br/curiosidades/easter-eggs-voce-sabe-o-que-sao/>. Acesso em 27 de out. de 2022.

¹⁷ Almir José de Oliveira Gabriel (1932-2013) foi um médico e político brasileiro filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

O plano da ficção é muito fluido em relação a isso, não é possível constatar que todos os episódios de violência têm relação com Bartolomeu. O próprio narrador diz: “Eu não duvido que isso tem sido ele, isso pode ter tido o dedo do meu pai”. Esse jogo de incerteza do narrador é exatamente para apresentar a onisciência como algo não detectável com facilidade, imediatamente. A forma do narrador lidar com as incertezas que tem faz parte da situação do sujeito na região. Também é opinião que esse ser violento estivesse presente em tudo, mas que ele não aparecesse, uma espécie de materialidade do mal. Onde está o mal? Onde está o violento? Eu desejava isso quando fiz a construção desse pai.

César Figueiredo: O fato de não nominar as pessoas, no plano ficcional, como disse, era uma forma de você se preservar como autor?

Abílio Pacheco: Sim, naquele momento, era uma forma de não fazer apontamentos muito diretos. Até porque, quando escrevi, em 2013, o Almir Gabriel tinha falecido há pouquíssimo tempo, dois anos antes. Eu tinha certeza que o livro não ia ter nenhum tipo de repercussão muito grande naquele momento, nem em momento algum, mas eu também queria fazer dessa forma.

Jacielle Santos: Há outras produções suas que dialogam com essa violência no Sul e Sudeste do Pará, com essa violência urbana, a violência no campo? Poderia citar quais seriam elas? Pode ser poema, romance, contos. Inclusive, vi em um site em Marabá uma música cuja autoria é creditada ao senhor, falando sobre a relação da Serra das Andorinhas com a Guerrilha do Araguaia.

Abílio Pacheco: Sobre aquela questão da obra ser 100% ficcional ou 100% documento, eu digo que tenho alguns poemas esparsos publicados especialmente nos últimos anos, entrei muito nessa seara de escrita política. Mas tenho livros de 2008, com poemas relacionados a questões agrárias, como “Epigramário”. Reza a lenda que os sem-terra estamparam esse poema numa camisa, mas eu não tenho certeza porque nunca vi. Lembro que estive numa oficina com representantes do MST entre 2001 e 2002, e a professora Áustria Rodrigues¹⁸ utilizou esse poema para dar aula sobre literatura da região. O que mostra que existem poemas espalhados.

¹⁸ Áustria Rodrigues Brito, foi professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), vinculada ao Instituto de Letras, Linguística e Artes (ILLA). Faleceu em junho de 2022.

Tenho projetos em andamento relacionados com as questões políticas, até porque esse momento tem mexido muito com a gente. Por exemplo: possuo um projeto de poema para fazer a partir da canção “Como nossos pais”, em que cada verso da música é o primeiro verso de um poema. Isso vai para o índice, quem lê o índice lê a canção do Belchior¹⁹. Eu gosto muito desses experimentos. Tenho um projeto de crônicas e contos da década de 1980 sobre um evento que relatei acima: minha mãe me arrastando pela Avenida Antônio Maia fugindo de embates de militares. E no projeto para esse livro tem um conto que ainda não consegui terminar, sobre um episódio histórico que testemunhei involuntariamente: estava indo pegar passarinho perto da Folha Cinco e vi o pessoal se jogando da ponte no Massacre da ponte do Rio Tocantins²⁰. Não tenho certeza se esse pode ser considerado um episódio histórico. Anos depois é que eu fui saber que parte daqueles sobreviventes do massacre da ponte são os mortos de Eldorado, oficialmente. Também exploro a produção de artes visuais, projeto com o qual comecei a trabalhar há dois anos e fiz uma exposição aqui sobre a Guerrilha do Araguaia, que se chama “Bicos de Papagaio”²¹. Peguei os rostos dos militantes da guerrilha e coloquei em espelhos. O professor Janailson Macedo esteve na exposição e caminhou por ela mandando áudio para mim, falando sobre suas impressões. Era uma instalação em que eu tinha esses espelhos, num fundo preto, e todo material que sobrou eu coloquei no chão, restos de tinta, pedaços de moldura de espelho, plástico etc. A ideia era que ficasse aquela coisa de construção, no sentido de obra em andamento. E também coloquei duas figuras em destaque, com as obras não concluídas, uma delas, a figura do Oswaldão²² (peguei uma tampa de freezer de açougue). Como se pode ver, tenho essa produção estética em artes visuais que tem um diálogo forte com isso. Depois, eu criei uma Marielle²³ (Franco) com cacos de espelho.

¹⁹ Antônio Carlos Belchior (1946-2017) foi um cantor, compositor, músico, produtor e artista plástico brasileiro que fez sucesso na década de 1970.

²⁰ Em 29 de dezembro de 1987, trezentos garimpeiros que faziam reivindicações por melhores condições de trabalho foram encurralados por militares com fuzis e metralhadoras na ponte do Rio Tocantins, em Marabá-PA. São mais de 90 desaparecidos, cujas famílias continuam sem respostas, pois não há investigações e condenações em relação ao massacre. Disponível em: <https://www.oliberal.com/para/relembre-o-massacre-da-ponte-que-resultou-em-mais-de-90-garimpeiros-desaparecidos-em-maraba-1.470176>. Acesso em 24 de out. de 2022.

²¹ Podemos encontrar a exposição: “Bicos do Papagaio” no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=XbLMY-QEDTU>. Acesso em 24 de out. de 2022.

²² Oswaldo Orlando da Costa (1938-1974), comandante do Destacamento B, na Guerrilha do Araguaia, tornou-se uma espécie de lenda por sua atuação. Membro do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), foi um dos principais guerrilheiros integrantes da Guerrilha do Araguaia, ocorrida na região Norte do Brasil na década de 1970. Símbolo mítico na região do Araguaia, Oswaldão foi morto e decapitado pelos militares, tendo seu corpo deixado na mata e nunca encontrado. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/osvaldao/>. Acesso em 24 de out. de 2022.

²³ Marielle Francisco da Silva (1979-2018), conhecida como Marielle Franco, foi uma socióloga e política brasileira filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), assassinada em 14 de março de 2018 no Rio de

César Figueiredo: Você pegou uma imagem da Marielle, como uma serigrafia, e colocou no espelho? O visitante se olhava no espelho e via o rosto do guerrilheiro?

Abílio Pacheco: Sim, como uma serigrafia.

César Figueiredo: Professor Abílio, os parentes dos militantes ficaram sabendo dessa exposição? Nós entrevistamos a Sonia Haas²⁴ mês passado, a irmã do João Carlos Haas Sobrinho²⁵ (Dr. Juca), e a partir de sua fala, acredito que ela se interessaria por esse material. Ela é publicitária e poderia fazer um memorial para o irmão.

Abílio Pacheco: Tem uma pesquisadora que é orientanda do professor Márcio Seligmann-Silva, Liniane Haag Brum²⁶, sobrinha do Cilon²⁷, para quem enviei mensagem informando sobre o trabalho, mas ela não me retornou. Eu sei de um rapaz que está fazendo um filme sobre a Walkíria²⁸, que esteve lá, mandou áudio por *Whatsapp*, não me recordo o nome dele. Eu não fiz o rosto de todos os militantes da guerrilha, cerca de nove, pois era uma coisa que eu estava experimentando.

Janeiro por um ex-policial militar e um policial militar reformado a mando do miliciano Almir Rogério Gomes da Silva.

²⁴ Publicitária brasileira e irmã de João Carlos Haas Sobrinho, desaparecido na Guerrilha do Araguaia na década de 1970. Continua na luta pela memória do irmão. Em setembro de 2020, realizamos uma entrevista com ela pelo GESTO.

²⁵ João Carlos Haas Sobrinho (1941-1972) foi um médico e guerrilheiro brasileiro, integrante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), executado na Guerrilha do Araguaia na década de 1970, sendo um dos desaparecidos políticos brasileiros. “Dr. Juca” ou “médico dos camponeses” como era conhecido pelos moradores da região, João Carlos prestava serviços médicos gratuitos aos mais necessitados. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/noticias/17736-joao-carlos-haas-indomito-guerrilheiro>. Acesso em 24 de out. de 2022.

²⁶ Docente, pesquisadora e escritora, é sobrinha de Cilon da Cunha Brum, um dos desaparecidos políticos do Araguaia. Escreveu o livro *Antes do Passado - o silêncio que vem do Araguaia* (Arquipélago Editorial, 2012). Ministra palestras e participa de debates sobre a ditadura civil-militar brasileira; o desaparecimento político e a guerrilha do Araguaia, em eventos culturais e acadêmicos. (Fonte: Currículo Lattes)

²⁷ Cilon da Cunha Brum (1946-???) militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), foi comandante do Destacamento C das Forças Guerrilheiras do Araguaia, assumindo o codinome de Simão. Há divergências sobre a data de sua morte, não se sabe se 1973 ou 1974, pois até o momento não há indícios conclusivos sobre a data de seu óbito. Disponível em: <http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/mortos-desaparecidos/cilon-cunha-brum>. Acesso em 24 de out. de 2022.

²⁸ Walkíria Afonso Costa (1947-1974), filiada ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) em 1971, mudou-se para o Araguaia com seu marido Idalísio Soares Aranha Filho (1947-1972), também guerrilheiro e militante. Fez parte do destacamento B comandado por Osvaldão e foi uma das últimas guerrilheiras a ser capturada. É lembrada pelos camponeses como uma professora alegre que ensinou muitos a ler. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/30/lembrar-e-preciso>. Acesso em 24 de out. de 2022.

Jacielle Santos: Nós entrevistamos o José Genoíno²⁹ e a Criméia Almeida³⁰, seria interessante mandar esse material para eles também.

Abílio Pacheco: Ainda nessa pegada política, eu fiz uma Marielle. O pessoal da Batalha do Conhecimento³¹, da UNIFESSPA, pediu para eu fazer alguma coisa e minha filha me ajudou. Então, peguei papelão e fiz o rosto dela de 1,20m com cacos de espelho porque queria começar a experimentar materiais que fossem menos ordenados, organizados. Queria compor algo com mais fragmento. Eu doei a Marielle para o pessoal da Batalha do Conhecimento, depois, comecei a trabalhar com lajota, agora minha obsessão é tentar misturar as coisas: lajota, cacos de espelho e outros materiais, aqueles anezinhos de cerveja. Ainda estou experimentando. Não é minha arte, minha arte é a literatura desde a juventude. Então, estou aprendendo. Fiz também, em Bragança, um tríptico relacionado à questão das mortes de negros: Marielle, Amarildo³² e Ágatha³³. Deixei na parede da Universidade como experimento de reações das pessoas. Em relação a questões políticas, tem essas coisas, cheguei até a fazer um poema para a Ágatha também, mais visceral por causa do contato, porque termina sendo forte para a gente também. Para eu encontrar tudo que está relacionado à política na literatura daria um pouco de trabalho, mas o que já está publicado dentro de volume, posso compartilhar. Você também perguntou

²⁹ José Genoíno Neto (1946) é ex-presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) e um de seus fundadores. Ex-guerrilheiro do Araguaia, de pseudônimo Geraldo, na época filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB), foi capturado, detido e torturado pelas forças armadas em 1972. É solto em 1977 e anistiado em 1979. Em junho de 2020, realizamos uma entrevista com ele pelo GESTO, publicada na Revista do Curso de História de Araguaína no mesmo ano.

³⁰ Criméia Alice Schmidt de Almeida (1946) é uma militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e ex-guerrilheira no Araguaia. Ao engravidar de André Grabois (1946-1973), um líder guerrilheiro, ficou responsável pela comunicação entre os guerrilheiros e o partido, mas, em uma de suas viagens, foi presa e torturada. No mesmo período, prenderam e torturaram sua irmã - Maria Amélia de Almeida Teles (1944), seu cunhado e seus sobrinhos. Ela e sua família conseguiram que o Estado de São Paulo reconhecesse o Coronel Ustra (Chefe do DOI-CODI, na época) como responsável pelas torturas contra eles. Criméia mantém sua atuação política por meio da Comissão dos Familiares dos Mortos e Desaparecidos Políticos. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/crimeia-de-almeida/>. Acesso em 27 de out. de 2022.

³¹ É um espaço artístico-cultural, organizado pelo DCE, cujo objetivo é fortalecer a cena do Rap em Marabá e nas cidades do entorno, bem como abrir espaço para artistas marabaenses e universitários. Também são aceitos voz e violão, teatro, slam, exposição fotográfica e demais intervenções culturais.

³² Amarildo Dias de Souza (1965-2013) foi um ajudante de pedreiro que ficou conhecido nacionalmente por conta de seu desaparecimento após ter sido detido e levado por policiais militares da porta de sua casa, na Favela da Rocinha/RJ. A repercussão do caso do desaparecimento de Amarildo tornou-se símbolo do abuso de poder e violência policial no Rio de Janeiro.

³³ Ágatha Vitória Sales Félix (2011-2019), de apenas 8 anos de idade, foi morta em setembro de 2019 por um projétil de fuzil no Morro da Fazendinha, no Rio de Janeiro. O inquérito apurou que a bala partiu da arma de um policial militar.

sobre artigos relacionados à temática: tenho, porque minha pesquisa na universidade é sobre isso, publiquei textos sobre o trabalho do Janailson (Crônicas do Araguaia, 2015), sobre as representações da ditadura na literatura paraense, uma análise de poema de Max Martins³⁴.

César Figueiredo: Percebemos que as mulheres com descrições erotizadas enlouquecem freneticamente o narrador e dão o tom ao romance. O tempo todo o leitor é lançado numa adrenalina, seja pela revelação de um segredo de Mário ou por viver um intenso revelar em cada respirar dele. A pulsação do coração, a adrenalina que sobe nas veias envolve o leitor e dão o tom do romance. Desse modo, o senhor pode comentar um pouco sobre as personagens Irma, Mário e Noemí e a escolha delas como metáfora que vai se constituindo ao longo do romance? Qual a importância dos nomes e características de cada um deles para a função do compasso da narrativa?

Abílio Pacheco: Não consigo ver muito essa questão do enlouquecer freneticamente. Acho ele tão morno em relação a tanta coisa, apático. O fato é que criar cenas de sexo e erotismo não são nada fáceis, porque não se pode cair no lugar comum, não tentar prender o leitor a um apelo desnecessário, filme de Hollywood está cheio disso. A primeira cena escrita foi essa do ônibus, da parte do conto, do projeto de conto que comentei. A intriga do conto seria por causa do perfume que fica no narrador, daquela mulher que deixou apenas um bilhete sem identificação no bolso dele. Só que eu não consegui saber o que fazer com aquilo. No conto, isso não funcionou para mais nada. Sim, ele vai procurar por ela e daí? Mas acho que, para o romance, ficou interessante. Queria que houvesse quatro episódios eróticos que são, de certo modo, chaves dentro da história e cada um deles tem uma certa finalidade. A iniciação sexual dele em Belém, que vai fazê-lo não entender direito o que seja fazer sexo e como isso vai, mais ou menos, impulsioná-lo para fora de casa porque, por causa disso, ele vai perceber a marca de ferro na mãe biológica, já que, na verdade, ele é adotivo, mas somente vai saber disso depois. Um adendo: o professor Gilson Penalva³⁵ me disse que essa coisa de tomar a mulher dos

³⁴ Max da Rocha Martins (1926-2009), poeta paraense pouco conhecido, representou a renovação da literatura no século XX e colocou o Pará numa posição de destaque na literatura nacional. Sempre morou em Belém do Pará, recebendo, em 2001, o título de doutor *honoris causa* da Universidade Federal do Pará (UFPA).

³⁵ Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Tem experiência na área de Literaturas Brasileira e Portuguesa, Teoria da Literatura, com ênfase em memória, identidade, oralidade e diferença cultural. (Fonte: Currículo Lattes)

agregados em pagamentos de dívida é algo que aparece na literatura paraense ou na literatura amazônica desde Ferreira de Castro.

Outro episódio se dá no ônibus, com a tia Nô ou Noemí. Esse episódio é importante porque vai fazer com que o leitor fique se perguntando se é por isso que ele foi impedido de rever a esposa. A história é construída para fazer com que o leitor crie uma possibilidade com essa personagem. Como diz Antônio Candido: o que faz com que se assista filme, novela, romance é a vontade de saber sobre a vida alheia. Então, a pergunta seria essa: por que ele não pode mais conviver com a esposa? Isso serve para instigar as investidas do leitor. E como a Jacielle já comentou, essa resposta está jogada várias vezes, com referências a Tamar, na Bíblia³⁶, aos Maias, em *Eça de Queiroz*³⁷.

O terceiro episódio de relação sexual é dele com Leda, uma personagem que eu queria que fosse boa, inacreditavelmente boa, que o leitor comum olhasse e dissesse “isso não é possível”. Ou uma personagem que o leitor da universidade lesse e dissesse: “é inverossímil”. Mas trabalhei em hospital e eu sei que esse tipo de coisa acontece, não só por causa do espaço em si, mas de ouvir as pessoas contarem histórias. E era importante que tivesse um momento em que a interação deles como casal acontecesse. Ele todo dolorido, machucado da fisioterapia que mais machucava que curava. E depois, seguindo a ordem na história, é a lembrança dele com Irma e isso já acontece depois que o leitor sabe que é a irmã, para criar esse impacto na recepção. Ela diz pra ele (foi para contracapa, escolhido pela editora, que é minha esposa): “uma felicidade tão grande que não consigo tê-la, não a mereço”. Elas tinham essas importâncias. Escrever as personagens femininas não é fácil. Acho difícil porque a gente está cada vez mais... não que o lugar de fala de Djamila Ribeiro³⁸ seja incomodante, mas o que as pessoas estão fazendo com esse lugar de fala, com essa expressão, torna-se algo complicado. Uma pessoa que leu o romance fez um vídeo para o *You Tube* e, para mim, ela falou uma coisa que não colocou lá. Ela disse que não gostou do desfecho da Irma porque parece que é a voz de um homem punindo a mulher por um erro, com ele ficando vivo.

³⁶ Referência à história de Amnon e Tamar na Bíblia em II Samuel capítulo 13. Eles eram irmãos por parte do Rei Davi, Amnon sente forte desejo pela irmã a ponto de estuprá-la, já que a mesma não aceita a relação incestuosa.

³⁷ *Os Maias* (1888) é uma das obras mais conhecidas do escritor português Eça de Queiroz (1845 – 1900). Personagem de Eça que aparece no romance de Abílio Pacheco é Carlos da Rocha Maia. Tal referência pode ser encontrada na página 75 de *Em despropósito: Mixórdia*.

³⁸ Djamila Taís Ribeiro dos Santos (1980) é uma filósofa, pesquisadora, feminista negra e escritora brasileira. Mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (PUC/SP). Tornou-se conhecida no país por seu ativismo na Internet, sendo uma das principais vozes brasileiras no combate ao racismo e ao feminicídio.

Então, quem são as personagens femininas? Ele é cercado de mulheres, tem só um “pai” pedreiro, que existe de verdade, mas ele não tem nada a ver com a história, eu apenas quis homenagear meu amigo pedreiro de Marabá, porque muitas falas que estão ali, que chamamos de ‘inútil’, falar “desacoimado”, por exemplo, eram palavras que ele dizia. Ele emposita esse pedreiro como pai, mas a maioria das personagens ao seu redor são mulheres. A Irma, irmã, a mãe ou as mães, a tia, a terapeuta e a Leda. O romance tem muitos momentos que têm chave de leitura para uma coisa ou para outra. Até o momento em que aparece aquela parte em itálico, dividindo as duas partes do romance (Machado de Assis que dizia que o romance caminha trôpego, em voltas). Em um trecho na página 109, a personagem Jozele diz para ele: “todo seu ódio está aqui decantado, destilado”. A voz dele: “as personagens de meus afetos negativos tinham ficado nos primeiros blocos de anotação”. Então, ela fala: “a mulher com quem você perdeu a virgindade sumiu, as suas mães, as de gestação e de adoção, mesmo aparecendo vez ou outra ...”. O meio do livro é quase esse ponto de fricção, é quando aparece pela primeira vez a personagem Leda. E a Leda é a personificação da alegria, ela é importante por causa dessa construção de verossimilhança.

Tem muitas coisas que são interessantes de comentar no livro, mas as perguntas e respostas estão muito relacionadas ao que você está querendo extrair da narrativa. Em outra entrevista, todas as perguntas que me fizeram estavam relacionadas a questões de intertextualidade, para localizar influências. Porque depende do método de cada um.

Jacielle Santos: Uma coisa que fiquei curiosa, depois de reler o romance, é se “Irma” já não era um sinal para nós, leitores, de que ela era a irmã?

Abílio Pacheco: Eu estava brincando, como diz um professor meu: “James Joyce escreveu *Ulisses* sorrindo. De quem? Da gente que vai ler o livro depois”. Com certeza, sem sombra de dúvidas.

Jacielle Santos: Penso também na Jozele, se teria alguma intenção dessa personagem em representar a academia, a voz da academia. Estudamos o Sarmiento Pantoja³⁹, que fala do

³⁹ Carlos Augusto Sarmiento-Pantoja é professor Adjunto III, de Literatura Vernácula da Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente, é professor na Faculdade de Letras do Campus de Abaetetuba/PA. Líder do grupo de Pesquisa Estéticas, Performances e Hibridismos (ESPERHI) e pesquisador do grupo Estudos de Narrativas de Resistência (NARRARES). (Fonte: Currículo Lattes)

“*arbiter*”⁴⁰, que vai fazer ecoar a voz daquele que não consegue falar. No romance, isso se nota no próprio drama do Mário, que quer esquecer, não consegue falar sobre o assunto, mas, a partir desse contato com a academia, vai conseguir se expressar. Ele até diz que é muito difícil escrever, que não sabia que ia doer tanto. Podemos afirmar, então, que a Jozele teria esse papel de ajudá-lo nesse processo, de fazer ecoar toda essa violência?

Abílio Pacheco: Sim, não estava programado isso, é algo que não era minha intenção, mas é uma leitura bastante pertinente. É aquilo que a Jeanne Marie Gagnebin⁴¹ comenta sobre aquele que ouve o testemunho e leva-o adiante. A Jozele seria esse papel, com certeza. Falando em 1996-1997, é um período em que as pessoas nem estavam tão envolvidas com terapia.

Jacielle Santos: O Hugo Achugar⁴² vai falar dessa oportunidade que o letrado, como o senhor e o professor Janailson Macedo, considerando-o como aquele que tem acesso à academia, vai ajudar a ecoar essas vozes da violência, principalmente em relação aos sujeitos marginalizados. A segunda leitura que fiz já fui mobilizando tanto as paixões na perspectiva semiótica greimasiana quanto relacionando a essa questão mesmo. E então, fiquei pensando na Jozele, e só quem pode nos responder é o autor, se é possível essa leitura de pensar nela, não só no sujeito escritor, mas também nessa personagem que vai ajudar a ecoar essas denúncias da violência contra a mulher, violência no campo e todos os tipos de violência que vão aparecendo. Tem também a questão do suicídio, que me fez lembrar o suicídio – entre 2003 e 2004 - na ponte do Rio Tocantins de uma professora de história, não sei se estaria relacionado a ela ou a vários outros acontecimentos. Quando estava em Marabá, lembro de um caso parecido, que uma professora se jogou da ponte e faleceu...

⁴⁰ Augusto Sarmiento-Pantoja, em seu artigo intitulado *O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter* (Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, 2019), retoma as discussões tradicionais do Testemunho e aponta mais uma voz narrativa, elaborando uma tríade que é apresentada como: *testis* (3ª pessoa), aquela que viu e testemunhou a cena; *superstes* (1ª pessoa), aquela que relata o que viveu e *arbiter* (2ª pessoa), aquele que narra o que ouviu e escolhe o que e como narrar.

⁴¹ Jeanne Marie Gagnebin de Bons (1949) é uma professora, filósofa e escritora suíça, residente no Brasil desde 1978. Atualmente, é professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Livre-docente da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia. Atua principalmente nos seguintes temas: Walter Benjamin, Filosofia da História. (Fonte: Currículo Lattes)

⁴² Hugo Achugar (1944) é professor emérito da Universidade de Miami e poeta, ensaísta e pesquisador uruguaio. Atualmente, leciona políticas culturais na Universidade da República no Uruguai.

Abílio Pacheco: É que essa história de se jogar e ficar presa nas águas aconteceu mesmo, mas, nesse caso, a pessoa não morreu. Na década de 1990, Marabá era uma cidade com mais homicídio per capita mundialmente, não me lembro onde peguei essa referência, mas eram muitos casos de suicídio. E esse da professora que ficou presa na árvore, jogou-se na ponte, realmente aconteceu. Agora, teve muitos episódios de pessoas que morreram se jogando da ponte, acidentes também. Uma coisa terrível. A vantagem que se tem na internet é que, quando a gente direciona para algumas bolhas, a gente não fica no “Cidade Alerta”.

César Figueiredo: Professor, nesse sentido, o senhor funcionaria como um “*testis*”, testemunho mesmo na literatura, provocando, rememorando o que Seligmann-Silva falava?

Abílio Pacheco: Durante a fala da Jacielle, estava me lembrando de algo que ouvi, sempre me perguntavam em entrevista e certa vez me disseram: “vou dizer uma coisa para você, deixe desse negócio de ficar sabendo se isso existiu, se foi porque ele quis ou porque não quis. Leia, interprete e, posteriormente, você tem que correr o risco.” Tem hora que a gente precisa fazer esse exercício. Porque, a meu ver, acontece muito das pessoas interpretarem algo que foge à nossa intenção. Sobre essa questão do “*testis*” e do “*superstes*”, acho que vou deixar vocês correrem o risco agora. Acredito que seja importante essa liberdade que o leitor crítico precisa ter. Agora, confesso que não tenho muita certeza sobre o conceito de “*arbiter*” para o Augusto Pantoja, ainda vou ler esse texto para isso.

César Figueiredo: Precisamos colocar nós, da Região Norte, no mapa. Dialogar mais com o pessoal do Sul e Sudeste. Acho importante a gente reforçar nossa identidade aqui do Norte, aproximar pesquisas, vocês participarem de bancas da UFNT e vice-versa como vocês da UNIFESSPA. Fato importante: agora em 2022, temos 50 anos da Guerrilha do Araguaia, evento marcante que definiu muito nossa região, tanto Bico do Papagaio quanto vocês de Marabá, pensar algo em comum entre UFNT e UNIFESSPA.

Abílio Pacheco: Gostei muito da entrevista, bom para rever certas coisas. Procurei responder boa parte dessas perguntas muito dentro do que foi 2013. Agregações posteriores eu não coloquei porque elas podem fazer uma leitura anacrônica, por exemplo, em relação ao livro. Um exemplo somente, nesse encerramento de entrevista: quando eu escrevi o livro, em 2013,

sabia que tinha um irmão e uma irmã por parte de mãe. Em 2017, apareceram um monte de irmãs que eu não sabia que existiam (cinco). De 2013 para cá, minha reformulação como sujeito no mundo, como pessoa, indivíduo uno ou fragmentado, passou por várias outras reformulações e transformações e a pesquisadora Jacielle pode esbarrar, em algum momento, em relatos que eu faço sobre a minha dificuldade de aceitar essas novas irmãs, esses novos parentes que apareceram. Preciso que ela saiba que qualquer coisa que leia relacionado a isso não tem a ver com o processo de escrita do romance, porque, na época da escrita, eu não sabia que elas existiam.

Tem uma informação sobre Sarmiento Pantoja que diz que “o material produzido sobre a Guerrilha do Araguaia é muito maior do que se produziu sobre a ditadura no Pará”. Isso sem contar o fato de que a guerrilha faz parte da ditadura. É muita coisa. Em literatura, conforme Eurídice Figueiredo⁴³, a Guerrilha do Araguaia é uma fantasmagoria brasileira que vai acompanhar a pesquisa durante muito tempo. Por isso, é muito importante criar essas teias de pesquisa, de diálogo, de debate...

César Figueiredo: Por esse motivo, contatos como esse que estabelecemos hoje se tornam tão importantes. Professor, agradeço pela disponibilidade e pelas grandes contribuições concedidas nessa entrevista.

Referências

- ACHUGAR, Hugo. La historia y la voz del otro. In. BERVELEY, J.; ACHUGAR, H. (org.) *La voz del outro: testimonio, subalternidade y verdade*. 2.ed. Guatemala: Latinoamericana Editores, 2002.
- BRUM, Liniane Haag. *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2012.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever e esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- MACEDO, Janailson. *Crônicas do Araguaia*. Marabá, PA: Ed. do Autor, 2015.

⁴³ Eurídice Figueiredo é professora associada aposentada da Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura. (Fonte: Currículo Lattes). Tem artigos em livros coletivos e em revistas nacionais e internacionais. A referência citada acima consta no livro *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* (2017, p. 97).

PACHECO, Abílio. *Em despropósito (mixórdia)*. Belém: LiteraCidade, 2013.

PACHECO, Abílio. Carmina de Magister Ludi: o estilo tardio em Max Martins. *Revista Moara*, Belém – Edição 46 – ago - dez, Estudos Literários, p. 40-59, 2016.

PACHECO, Abílio. Silêncio e Silenciamento nas “Crônicas do Araguaia”, de Janailson Macedo. In: Ana Lilia Carvalho Rocha; Tânia Maria Pereira Sarmiento-Pantoja. (Org.). *Caminhos da resistência: memória, história e pós-colonialismo*. Abaetetuba: Campus Universitário de Abaetetuba, UFPA, v. 1, p. 238-246, 2021.

PACHECO DE SOUZA, Abílio. “No rastro e no rumo das palavras”, dos fragmentos, da história brasileira recente na obra de Benedicto Monteiro. Campinas, SP: [s.n.], 2020. *Tese (doutorado)* – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Orientador: Márcio Orlando Seligmann-Silva. 246 p.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter. *Literatura e Cinema de Resistência*, Santa Maria, n 32, p. 5-18, 2019.

SELIGMANN-SILVA, M. (org). Escrituras da história e da memória. In: *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, p. 205-225, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, vol. 20, n.1. p. 65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Imagens precárias: inscrições tênues de violência ditatorial no Brasil. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 43, p. 13-34, jan/jun, 2014.

Recebido em 07 de novembro de 2022.

Aceito em 12 de janeiro de 2023.